

16 a 31 de março de 2018

As principais informações da economia mundial, brasileira e baiana

Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia
Diretoria de Indicadores e Estatísticas
Coordenação de Acompanhamento Conjuntural

INTRODUÇÃO

Na segunda quinzena de março, os destaques da conjuntura nacional foram: avanço na inflação medida pelo IGP-M; retração no IBC-Br; queda da taxa Selic; recuo na atividade de Serviços; crescimento do desemprego; aumento de vagas formais de trabalho; melhora da confiança do Comércio e da Indústria; crescimento da arrecadação federal; estabilidade da carga tributária; déficit das contas públicas; baixo superávit na conta corrente.

Na economia internacional os destaques foram: Nos EUA, aumento das taxas de juros, revisão das projeções de PIB e desemprego e aumento da produção industrial; na zona do euro, inflação desacelera mais que o esperado.

Inflação pelo IGP-M ganha força

A inflação medida pelo Índice Geral de Preços - Mercado (IGP-M) foi de 0,64% em março, acima da taxa de um mês antes, de 0,07%, informou a Fundação Getúlio Vargas (FGV). Com isso, o índice acumula alta de 1,47% no ano e de 0,20% em 12 meses. Em março de 2017, o índice havia subido 0,01% e acumulava alta de 4,86% em 12 meses. Com peso de 60%, o Índice de Preços ao Produtor Amplo (IPA) aumentou 0,89% no terceiro mês de 2018, invertendo a direção tomada em fevereiro, de queda de 0,02%. Por estágios de processamento, os Bens Finais foram de baixa de 0,71% em fevereiro para elevação de 0,57% em março e Bens Intermediários passaram de alta de 0,87% para 0,69%. As Matérias-Primas Brutas, por sua vez, deixaram recuo de 0,23% para incremento de 1,54%. Com 30% do IGP-M, o Índice de Preços ao Consumidor (IPC) subiu 0,14% em março, metade da taxa do mês anterior, de 0,28%. Das oito classes de despesa componentes do índice, a principal contribuição partiu do grupo Transportes (1,16% para 0,40%), que sentiu o impacto do item gasolina (2,10%

para 0,18%). Por sua vez, deixaram o campo negativo Habitação (-0,21% para 0,19%) e Vestuário (-0,56% para 0,53%) (VALOR, 28/03/2018).

Economia brasileira retrai em janeiro

O Índice de Atividade Econômica do Banco Central (IBC-Br), espécie de sinalizador do Produto Interno Bruto (PIB), encolheu 0,56% em janeiro na comparação com o mês anterior, de acordo com dado dessazonalizado divulgado em dezembro, o indicador registrou expansão de 1,16%, em número revisado pelo Banco Central. Na comparação com janeiro de 2017, o IBC-Br, que incorpora projeções para a produção nos setores de serviços, indústria e agropecuária, bem como o impacto dos impostos sobre os produtos, teve alta de 2,97%, enquanto que no acumulado em 12 meses apresentou expansão de 1,20%, segundo dados observados (REUTERS, 19/03/2018).

Banco Central reduz taxa Selic

O Banco Central cortou a taxa básica de juros em 0,25 ponto percentual, levando-a à nova mínima histórica de 6,5% ao ano, e indicou que fará mais uma redução da Selic em maio antes de encerrar o ciclo de afrouxamento monetário. A instituição também reduziu sua projeção de inflação pelo cenário de mercado a 3,8% em 2018, ante 4,2% na reunião de fevereiro. Para 2019, o cálculo foi a 4,1%, contra 4,2% (REUTERS, 21/03/2018).

Queda na atividade de Serviços em janeiro

Em janeiro de 2018, o setor de Serviços recuou -1,9% (série com ajuste sazonal), após altas em novembro (1,0%) e dezembro de 2017(1,5%). Em relação a janeiro do ano passado, o volume de Serviços caiu 1,3%. Já a taxa acumulada em 12 meses ficou em -2,7%. Por atividades, na série com ajuste, os principais recuos ocorreram nos segmentos de Transportes, serviços auxiliares dos transportes e correio (-3,0%) e dos Serviços profissionais, administrativos e complementares (-1,4%), enquanto Outros serviços registrou taxa positiva de 3,8%. Na comparação com janeiro de 2017, as quedas mais importantes entre os setores vieram de Serviços de informação e comunicação (-5,0%) e dos Serviços profissionais, administrativos e complementares (-3,3%) (IBGE, 16/03/2018).

Desemprego volta a crescer com 13,1 milhões de pessoas em busca de ocupação

A taxa de desocupação voltou a crescer, no trimestre de dezembro de 2017 a fevereiro de 2018, atingindo 12,6%, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD-C), divulgada pelo IBGE. No trimestre encerrado em novembro, a taxa era de 12,0%. Em números absolutos, o resultado representa mais 550 mil pessoas em busca de emprego, entre um trimestre e outro, totalizando cerca de 13,1 milhões de desocupados. A pesquisa mostrou que a população ocupada nesse período caiu para cerca de 858 mil postos de trabalho, com redução de 407 mil empregos no setor privado sem carteira e de 358 mil no setor público. Empregados com carteira ficou estável, com 33,1 milhões de trabalhadores, porém foi o pior resultado em números absolutos da série histórica iniciada em 2012. As categorias empregador e conta própria também ficaram estáveis. A queda de postos de trabalho foi verificada principalmente no grupamento que reúne as atividades de Administração pública, defesa, seguridade, educação, educação, saúde e serviços sociais (menos 435 mil ocupados); Construção (menos 277 mil) e Indústria (menos 244 mil) (IBGE, 29/03/2018).

Brasil abre 61.188 vagas formais de trabalho em fevereiro

O Brasil registrou criação líquida de 61.188 vagas formais de emprego em fevereiro, segundo o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) divulgado pelo Ministério do Trabalho, pelo segundo mês consecutivo. Dos oito setores pesquisados, cinco mostraram desempenho positivo em fevereiro, com destaque para o setor de Serviços (65.920 postos), Indústria de transformação (17.363) e Administração pública (9.553). Por outro lado, registraram perdas os setores de Comércio (-25.247), Agropecuária (-3.738) e Construção civil (-3.607). Em relação aos desligamentos mediante acordo entre empregador e empregado, foram registrados 11.118 no segundo mês do ano, envolvendo 8.476 estabelecimentos, apontou o Caged (REUTERS, 23/03/2018).

Melhora da confiança do Comércio em março

O Índice de Confiança do Comércio (ICOM) da Fundação Getúlio Vargas avançou 1,3 ponto em março, para 96,8 pontos, sétima alta consecutiva e o maior nível desde abril de 2014 (97,8). Em médias móveis trimestrais, o índice também avançou pelo sétimo mês consecutivo (0,6 ponto). A alta do ICOM em março ocorreu em 7 dos 13 segmentos pesquisados e foi determinada, principalmente, pela melhora no Índice de Expectativas (IE-COM), que avançou 1,8 ponto para 100,2 pontos, voltando a zona de otimismo após dois meses em

queda. Já o Índice de Situação Atual (ISA-COM), chegou a 93,5 pontos, ao avançar 0,7 ponto no mês, melhor resultado desde junho de 2014 (96,5 pontos) (FGV, 27/03/2018).

Confiança da indústria sobe em março ao maior nível desde 2013

A confiança da indústria do Brasil chegou ao nível mais alto em cerca de quatro anos e meio em março tanto com melhora na percepção da situação atual quanto das perspectivas sobre o futuro próximo, apontou a Fundação Getulio Vargas (FGV). No mês, o Índice da Confiança da Indústria (ICI) subiu 1,3 ponto e chegou a 101,7 pontos, nível mais alto desde agosto de 2013 (101,9 pontos). Com o resultado, o ICI médio do primeiro trimestre foi a 100,5 pontos, 2,9 pontos acima do trimestre imediatamente anterior. O Índice da Situação Atual (ISA) subiu 1,2 ponto em março e foi a 100,6 pontos, influenciado principalmente pela melhora no nível da demanda, depois de recuar 1,5 ponto no mês anterior. O Índice de Expectativas (IE) avançou 1,4 ponto e chegou a 102,8 pontos, nível mais elevado desde junho de 2013, com alta do indicador de expectativas com a evolução do pessoal ocupado nos três meses seguintes. O Nível de Utilização da Capacidade Instalada em março teve aumento de 0,5 ponto percentual e chegou a 76,1%, patamar mais elevado desde maio de 2015 (76,6%) (REUTERS, 27/03/2018).

Arrecadação federal cresce no 1º bimestre

O governo informou que a arrecadação dos tributos administrados pela Receita Federal (excluído a contribuição para a Previdência Social) aumentou 9,3% em fevereiro, em termos nominais, na comparação com o mesmo mês de 2017. Com isso, o crescimento no primeiro bimestre foi de 11,8%, também nominal, comparado com o mesmo período do ano passado. De acordo com o relatório de avaliação de receitas e despesas, a receita bruta de tributos federais em fevereiro (excluída contribuição à Previdência) ficou em R\$ 65,896 bilhões, em relação à receita de R\$ 60,271 bilhões no mesmo mês de 2017. No primeiro bimestre, a arrecadação bruta ficou em R\$ 179,384 bilhões, enquanto que no mesmo período do ano passado ficou em R\$ 160,419 bilhões (VALOR, 23/03/2018).

Carga tributária fica estável em 2017

A carga tributária bruta no país ficou praticamente estável em 2017, passando de 32,38% do Produto Interno Bruto (PIB) em 2016 para o valor estimado de 32,36% do PIB no ano

passado, segundo o Tesouro Nacional. O governo central teve carga de 21,2% do PIB no ano passado; os Estados de 8,91% e os municípios de 2,25%. Pelos cálculos preliminares da secretaria, houve queda de 0,66 ponto porcentual do PIB na estimativa de carga da União na comparação entre 2010 e 2017, enquanto estados subiram 0,25 ponto porcentual e os municípios, 0,31 ponto porcentual no mesmo período (*VALOR*, 28/03/2018).

Contas públicas têm déficit de R\$ 17,4 bilhões em fevereiro

As contas do setor público consolidado, que englobam governo federal, estados, municípios e empresas estatais, registraram déficit primário de R\$ 17,414 bilhões em fevereiro, informou o Banco Central. Ao decompor o resultado de fevereiro, o governo federal respondeu por um déficit primário de R\$ 19,005 bilhões; os estados e municípios apresentaram um resultado positivo de R\$ 2,030 bilhão; e as empresas estatais registraram um déficit primário de R\$ 438 milhões. Em todo ano de 2017, as contas do governo tiveram um déficit primário R\$ 110,58 bilhões, ou 1,69% do Produto Interno Bruto (PIB) (*G1*, 28/03/2018).

Superávit na conta corrente em fevereiro fica abaixo do esperado

O Brasil registrou um superávit em suas transações correntes de US\$ 283 milhões em fevereiro. O resultado do mês ficou abaixo do superávit de US\$ 300 milhões estimados pelo Banco Central (BC). A projeção para 2018 é, contudo, de déficit, de US\$ 23,3 bilhões, ou 1,09% do Produto Interno Bruto (PIB). Em fevereiro de 2017, houve déficit, de US\$ 945 milhões. No acumulado em 12 meses até fevereiro, a diferença entre o que país gastou e o que recebeu nas transações internacionais relativas a comércio, serviços, rendas e transferências unilaterais acabou deficitária em US\$ 7,756 bilhões, o equivalente a 0,38% do PIB estimado pela autoridade monetária. No acumulado de 12 meses até fevereiro, a diferença entre o que país gastou e o que recebeu nas transações internacionais relativas a comércio, serviços, rendas e transferências unilaterais acabou deficitária em US\$ 7,756 bilhões, o equivalente a 0,38% do PIB estimado pela autoridade monetária (*VALOR*, 23/03/2018).

ECONOMIA INTERNACIONAL

Fed eleva taxas de juros nos EUA pela primeira vez em 2018

O juro básico na maior economia do mundo subiu para uma faixa entre 1,50% a 1,75%, um aumento de 0,25 ponto percentual. O Federal Reserve (Fed, o Banco Central americano) decidiu elevar a taxa de juros em sua primeira reunião sob o comando de Jerome Powell. Trata-se da primeira elevação em 2018 e a quarta após a posse do presidente Donald Trump. Na decisão, o Fed indicou ao menos mais dois aumentos de juros em 2018, sinalizando crescente confiança de que os cortes de impostos e gastos do governo vão impulsionar a economia e a inflação e levar a um aperto futuro mais agressivo (*G1*, 21/03/2018).

Revisão das projeções de PIB e desemprego dos EUA

O Fed indicou que a inflação deve finalmente acelerar após anos abaixo da meta de 2% e que a economia ganhou ritmo recentemente. O Fed também elevou as projeções de crescimento da economia americana em 2018 para 2,7%, ante projeção anterior de 2,5%. Para 2019, a estimativa subiu para 2,4% ante 2,1%. Em relação às previsões de desemprego, a instituição espera agora uma taxa de 3,8% para o final de 2018 e de 3,6% para o de 2019. Em dezembro do ano passado, as estimativas eram de 3,9% tanto para este ano como para o próximo (*G1*, 21/03/2018).

Aumento da produção industrial nos EUA

A produção industrial subiu 1,1% em fevereiro, invertendo a direção tomada um mês antes, de 0,3%, apontou o Federal Reserve (Fed, banco central americano). O uso da capacidade instalada da indústria foi de 78,1% no período, ou 0,7 ponto acima da registrada em janeiro e a melhor marca desde o início de 2015. O levantamento trouxe que a produção da Indústria de transformação teve alta de 1,2% no segundo mês de 2018, o maior avanço desde outubro passado. O setor de Mineração subiu 4,3%, refletindo em grande parte os ganhos sólidos em extração de petróleo e gás. No caso do segmento de Serviços essenciais, houve queda de 4,7% em fevereiro, com as temperaturas mais brandas do que o de costume reduzindo a demanda por óleo de calefação (*VALOR*, 16/03/2018).

Inflação na zona do euro desacelera mais que o esperado em fevereiro

Os preços ao consumidor na zona do euro subiram menos do que o esperado em fevereiro devido à queda nos preços de alimentos não processados e à desaceleração do preço da energia, mostraram dados da agência de estatísticas da União Europeia, Eurostat. A inflação nos 19 países que usam o euro foi de 0,2% na comparação mensal e de 1,1% sobre o ano anterior. Os alimentos não processados recuaram 0,3% em fevereiro sobre o mês anterior e caíram 0,9% na comparação anual. Os preços de energia também caíram 0,3% contra janeiro, tendo uma alta de 2,1% na comparação com o ano anterior, ante 2,2% em janeiro. Sem esses dois componentes mais voláteis, o núcleo da inflação avançou 0,3% no mês e 1,2% no ano, mesma taxa anual vista em janeiro. O BCE quer manter a inflação abaixo, mas perto de 2% no ano, e tem comprado bilhões de euros em títulos governamentais no mercado secundário para injetar dinheiro no sistema bancário e garantir mais crédito, impulsionando o crescimento econômico e a inflação (REUTERS, 16/03/2018).

EXPECTATIVAS DE MERCADO

De acordo com o relatório *Focus* do Banco Central do Brasil (BACEN), divulgado em 29 de março, a mediana das projeções do IPCA para 2018 recuou de 3,67% para 3,54%. Para 2019, a previsão recuou para 4,08%. Em relação ao comportamento do PIB no ano corrente, o mercado financeiro reduziu a expectativa de 2,87% para 2,84%. Em 2019, a estimativa de crescimento se manteve em 3,00%. As expectativas do mercado, para a segunda quinzena de março de 2018, podem ser visualizadas nos dados do Relatório *Focus*, em parte, apresentadas na tabela a seguir.

Relatório Focus – Expectativas de Mercado

Expectativas do mercado						
Mediana – agregado	2018			2019		
	9 mar.	29 mar.	Comportamento	9 mar.	29 mar.	Comportamento
IPCA (%)	3,67	3,54	▼	4,20	4,08	▼
IGP-M (%)	4,24	4,51	▲	4,40	4,30	▼
Taxa de câmbio - média do período (R\$/US\$)	3,28	3,29	▲	3,34	3,35	▲
Meta Taxa Selic – fim do período (% a.a.)	6,50	6,25	▼	8,00	8,00	=
PIB (% do crescimento)	2,87	2,84	▼	3,00	3,00	=
Produção Industrial (% do crescimento)	3,97	3,91	▼	3,50	3,50	=
Conta Corrente (US\$ bilhões)	-26,60	-25,50	▲	-39,25	-38,75	▲
Balança Comercial (US\$ bilhões)	55,00	55,00	=	45,00	45,65	▲
Investimento Estrangeiro Direto (US\$ bilhões)	80,00	80,00	=	80,00	80,00	=

Fonte: Boletim Focus, Banco Central, 29/3/2017.

GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA

Rui Costa

SECRETARIA DO PLANEJAMENTO

João Leão

**SUPERINTENDÊNCIA DE ESTUDOS
ECONÔMICOS E SOCIAIS DA BAHIA**

Eliana Maria Santos Boaventura

**DIRETORIA DE INDICADORES E
ESTATÍSTICAS**

Gustavo Casseb Pessoti

**COORDENAÇÃO DE
ACOMPANHAMENTO CONJUNTURAL**

Arthur Cruz

PESQUISA DE RADAR SEI

Carla Janira Souza do Nascimento

**COORDENAÇÃO DE DISSEMINAÇÃO DE
INFORMAÇÕES**

Augusto Cezar Pereira Orrico

EDITORIA-GERAL

Elisabete Cristina Teixeira Barretto

JORNALISTA RESPONSÁVEL

Maria Luisa Gouveia

DESIGN GRÁFICO

Fernando Cordeiro

EDITORAÇÃO

Ludmila Nagamatsu



SECRETARIA DE
PLANEJAMENTO

